

Encontros entre a História e a Memória da Educação Profissional e Tecnológica



Marcelo Vianna
Maria Augusta Martiarena
Caroline Cataneo
Fábio Krzysczak
Cristine Stella Thomas
(Organizadores)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

p.6

01 -

O TRABALHO COMO FONTE DE PESQUISA – “O RIO DOS TRABALHADORES” E A HISTÓRIA DE TRABALHO-EDUCAÇÃO

Maria Ciavatta
p.12

02 -

A COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL (CBAI) NA ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA (1957-1963)

Mário Lopes Amorim
p.44

03 -

CENTROS DE MEMÓRIA DAS ESCOLAS TÉCNICAS E DAS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO CENTRO PAULA SOUZA: ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS ESCOLARES E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO

Julia Naomi Kanazawa
p.65

O TRABALHO COMO FONTE DE PESQUISA – “O RIO DOS TRABALHADORES” E A HISTÓRIA DE TRABALHO-EDUCAÇÃO¹

Maria Ciavatta (UFF)²

“É a memória que permite a projeção do futuro.”³

Resumo: No evento promovido pelo Núcleo de Memória do IFRS, apresentamos este trabalho que tem por base o livro “O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e o vídeo “O Rio dos Trabalhadores”. Em cinco anos de pesquisa sobre fotografias de trabalho e de trabalhadores em arquivos públicos e privados do Rio de Janeiro e de São Paulo, buscamos investigar qual a memória do trabalho e dos trabalhadores, foi preservada; se foi a memória coletiva dos trabalhadores, a memória social ou a do poder oficial, e qual a história que se construiu a partir da preservação ou do apagamento dessas memórias. A utilização da fotografia como fonte de pesquisa social coloca o difícil problema de ir além de seu fascínio como recriação da realidade. A problematização da verdade histórica através da fotografia passa pelo problema do olhar e pela questão da interpretação. Neste texto, primeiro, apresentamos a questão da memória e da história; a seguir, a fotografia como fonte histórica; em terceiro lugar tratamos da modernização do Rio de Janeiro e a Reforma Pereira Passos; quarto, a comemoração do Centenário da Independência e o arrasamento do Morro do Castelo; em quinto lugar, o mundo do trabalho e os trabalhadores; e, por último, uma breve abordagem da história de trabalho-educação e nossas considerações finais.

Palavras-chave: mundo do trabalho – trabalhadores – fotografia – Rio de Janeiro

¹ Este texto foi a base da Conferência de Abertura do I Encontro NuMem/IFRS, História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica, proferida no dia 3 de outubro de 2023 (online). O texto retoma citações textuais do livro Ciavatta (2002). “O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e do vídeo Ciavatta; Castiglioni (2001). “O Rio dos trabalhadores.”

² Professora Titular de Trabalho e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense; Pesquisadora Sênior do CNPq. E-mail: maria.ciavatta@gmail.com

³ Com base em VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica. **Revista TB**, n. 95, p. 119-126, out.- dez, 1998.

Introdução

“É a memória que permite a projeção do futuro” é uma ideia que nos acompanha desde que começamos a estudar a fotografia como fonte de pesquisa. É a memória que alimenta a história e a identidade de pessoas e de povos. Minha referência é Gilberto Velho (1998) que se inspirou em Alfred Schutz (1979), e trata a memória com os conceitos de identidade e projeto. Velho introduz a noção de projeto como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, 1979, apud VELHO, 1998). O projeto, que pode ser expresso através de conceitos, palavras ou categorias, seria um instrumento básico de negociação da realidade com outros sujeitos sociais, indivíduos ou coletivos. A identidade depende dessa situação interativa.

Esta é uma questão importante no evento promovido pelo Núcleo de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do IFRS. O Brasil é um país de escassa memória e pouco conhecimento da história, exatamente, porque é um país de povoamento de exploração. Não é recomendável aos olhos do colonizador que os colonizados preservem a memória de sua escravização e submissão e, por isso, resistam, tentando construir outros projetos de vida. Se estou certa no que pressinto, nos últimos tempos, é extremamente auspicioso o movimento em direção à criação de centros de memórias nos Institutos Federais e em universidades que não preservam sua memória, além da obrigatória por lei, a burocrática.

Esta apresentação tem por base o livro “O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e o vídeo “O Rio dos Trabalhadores”, elaborados a partir da pesquisa desenvolvida nos anos 1996 a 1998 e, em mais uma fase, até 2002, no Núcleo de Estudos, Documentação e Dados (NEDDATE), do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, com apoio do CNPq e da Faperj.

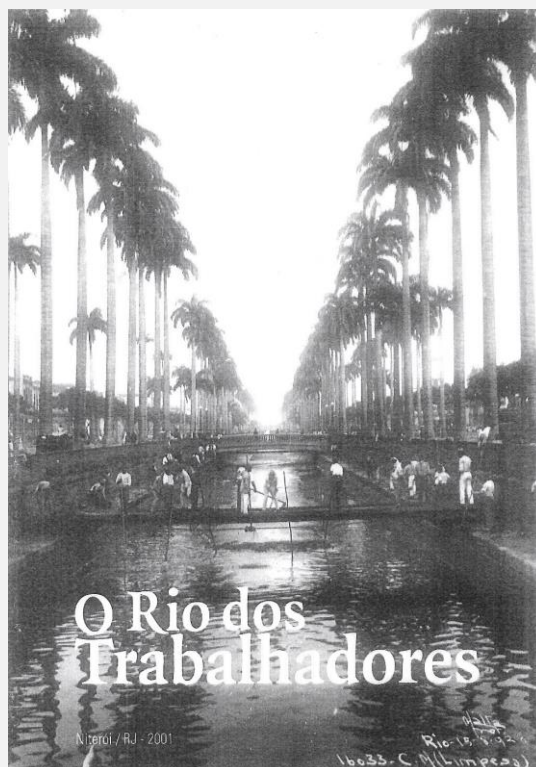
Buscamos investigar qual a memória do trabalho e dos trabalhadores, que foi preservada, se foi a memória coletiva dos trabalhadores, a memória social ou a do poder oficial, e qual a história que se construiu a partir da preservação ou do apagamento de cada uma dessas memórias.

Fotografia 1 – Capa do livro “O mundo do trabalho em imagens”.



Fonte: CIAVATTA (2002, capa)

Fotografia 2 - Capa do vídeo O Rio dos Trabalhadores.



Fonte: CIAVATTA; CASTIGLIONI (2001, capa)

A fotografia n. 2 reproduz a capa de “O Rio dos trabalhadores”⁴, um vídeo documentário de vinte minutos, cujo roteiro tem por base a mesma pesquisa que deu origem ao livro. Com ele pretendemos levar a um público ampliado, em linguagem atual e mais acessível, o trabalho acadêmico desenvolvido com estudantes, em cinco anos de pesquisa sobre fotografias de trabalho e de trabalhadores, em arquivos públicos e privados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esperamos que a memória nele presente possa ser útil ao diálogo com os estudantes, com os movimentos sociais e os trabalhadores, favorecendo a afirmação de sua identidade e alimentando as lutas do presente “para não apagar o futuro”.

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa social coloca o difícil problema de ir além de seu fascínio como recriação da realidade. A problematização da verdade histórica através da fotografia passa pelo problema do olhar e pela questão da interpretação.

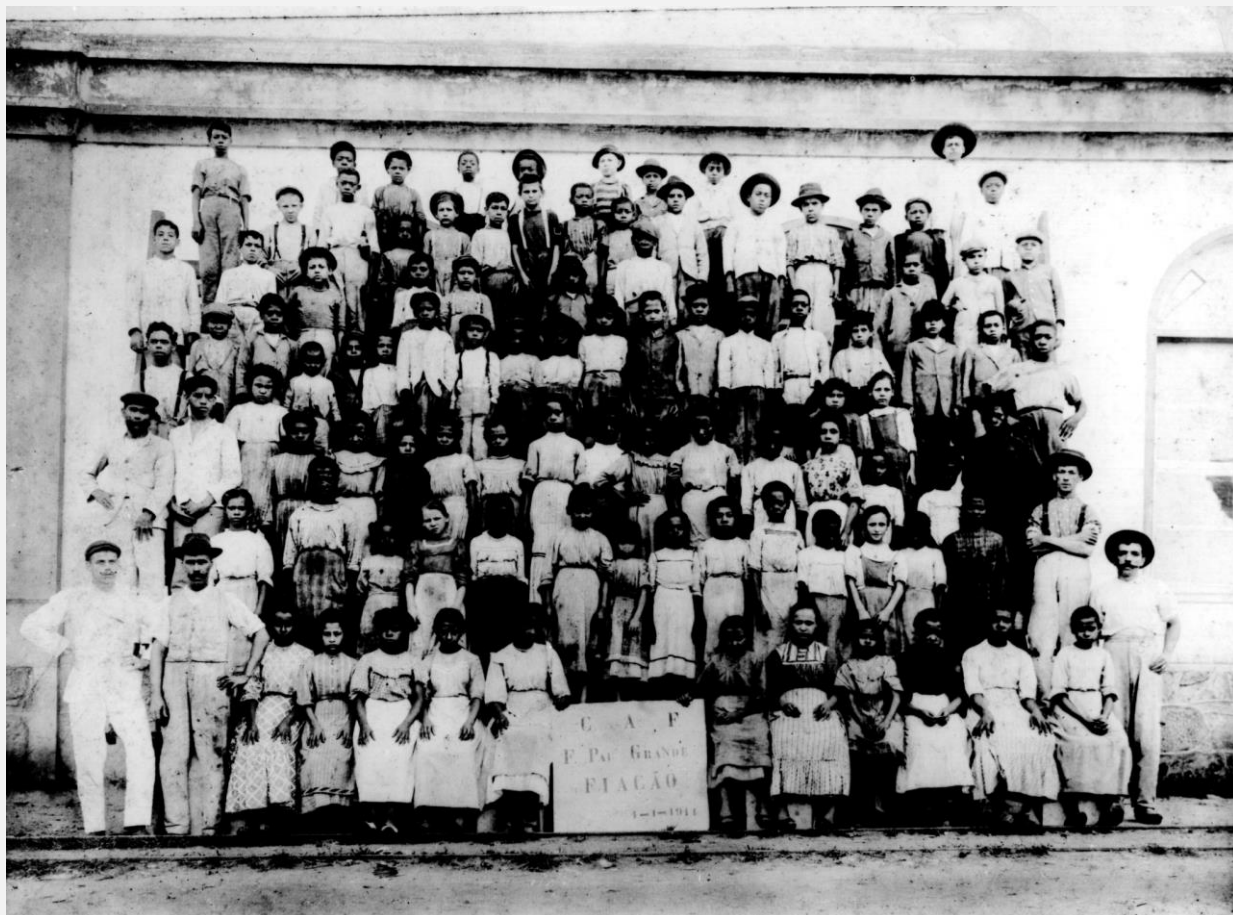
Neste texto, procuramos trazer os fundamentos de Trabalho-educação no livro e no vídeo, com textos e imagens fotográficas. Primeiro, apresentamos a questão da memória e da história; a seguir, a fotografia como fonte histórica; em terceiro lugar tratamos da modernização do Rio de Janeiro e da Reforma Pereira Passos; quarto, a comemoração do Centenário da Independência e o arrasamento do Morro do Castelo; em quinto lugar, o mundo do trabalho e os trabalhadores; e, por último, uma breve abordagem da história de trabalho-educação e nossas considerações finais.

⁴ Foi produzido a partir da pesquisa “O mundo do trabalho em imagens” – A fotografia como fonte histórica”, com apoio da UFF, CNPq e FAPERJ, no período 1996 a 2001, desenvolvida no Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Memória e história

A memória permite reconhecer os traços visíveis do passado no presente, no caso desta imagem, crianças no trabalho fabril. Assim se mostram os trabalhadores homens, mulheres e crianças da fábrica têxtil, igual a outras do início do século XX (fotografia n. 3).

Fotografia 3 – “Raiz da Serra, Fábrica Pau Grande, operários da Seção de Fiação”.



Fonte: “Raiz da Serra, Fábrica Pau Grande, operários da Seção de Fiação”, Coleção América Fabril. Publicada em Folheto de 2022, Rio de Janeiro, fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 127).

Fotografia 4 – “Carregadores e casas marcadas para desapropriação”.



Fonte: “Carregadores e casas marcadas para desapropriação”, sem data, Rio de Janeiro, fotógrafo Augusto Malta, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 2002, p. 31).

Outras imagens, como a fotografia n. 4, mostram trabalhadores urbanos, carregadores com seus carrinhos de mão, lembrança que se reconhece ainda hoje nas ruas do Rio de Janeiro. Seria a memória transmitida das gerações mais velhas às novas gerações que dariam aos grupos sociais a relação do presente com o passado. Não se trata de conservar o passado, mas de reencontrá-lo ou reconstruí-lo partindo do presente. Bloch propunha uma compreensão histórica do passado. Como historiador, Bloch preocupava-se com a memória jurídica da sociedade, com a memória familiar, dos grupos religiosos e das classes sociais.

Jorn Rüsen (2009, p, 164)⁵ argumenta sobre o caráter científico da história e de sua relação com a prática do historiador. Inicia seu ensaio com uma afirmação esclarecedora sobre a relação memória e história: “A memória

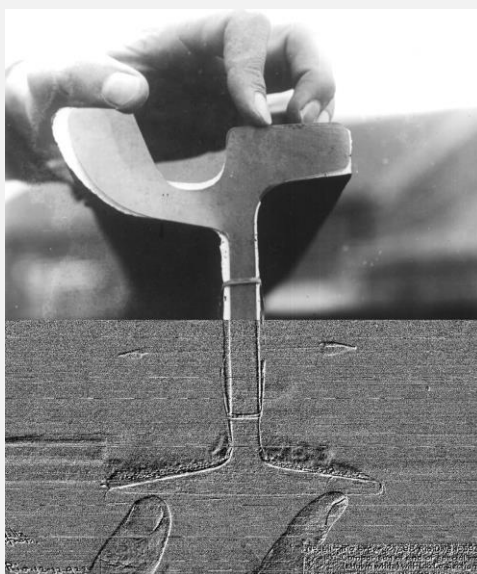
⁵ Jorn Rüsen (1938), historiador e filósofo alemão; investiga, principalmente, teoria e metodologia da história, história da historiografia, metodologia do ensino da história.

torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente. [...] A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual”. A memória proporciona uma perspectiva para pensar o futuro; a história “trama as peças do passado rememorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação de mudança temporal”.

1. A fotografia como fonte histórica⁶

Distinguimos a invenção da fotografia como forma de conhecimento do mundo da história da técnica e da arte da fotografia como distinta da história feita através da fotografia, de sua utilização como documento. Para Kossoy (1980), são importantes o que ele considera os fundamentos teóricos da fotografia, seu contexto histórico, os espaços e tempos determinados de sua criação, desenvolvimento, uso e apropriação.

Fotografia n. 5 – “Peça d trilho – comparação dos desgastes [sublinhados pelas linhas brancas].



Fonte: “Peça d trilho – comparação dos desgastes [sublinhados pelas linhas brancas], Rio de Janeiro, 1928, fotógrafo Augusto Malta, Acervo Histórico da Light (apud CIAVATTA, 2002, p. 19).

⁶ Esta seção recupera textos dos livros CIAVATTA, Maria. (2002; Ciavatta et al., 2023).

As fotografias trazem consigo o universo do conhecimento presente na aparência da representação fotográfica; mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto real representado, a exemplo da fotografia n. 5 que mostra o desgaste dos trilhos de bonde, peça enviada à matriz da Light no Canadá. São as múltiplas relações sociais (culturais, técnicas, científicas, econômicas, políticas etc.) que constituem o objeto na sua totalidade. O exercício de compreensão da fotografia como fonte de pesquisa, além dos dados básicos de identificação, contexto e da análise dos aspectos formais, supõe a aproximação com os processos sociais que permitem explicitar a história que guardam em si, o que está oculto na aparência da representação fotográfica.

O tratamento historicizado dos objetos de conhecimento, como as fotografias, tem como fundamento o método da economia política e a história como produção social da existência, o que significa considerá-los na totalidade de que fazem parte. Em nosso tempo, a sociedade capitalista, a divisão social do trabalho e as classes sociais. Encontramos na intertextualidade um procedimento adequado a esta premissa, no sentido de que buscamos em outros documentos informações que nos aproximem, historicamente, do objeto de análise.

Para a reconstrução histórica de um objeto fotográfico, é necessário buscar sua origem, suas vinculações, os elementos constitutivos e as informações nele contidas. Testemunho visual das aparências, como informação e como fonte de recordação e de emoção, a imagem fotográfica associa-se à memória e introduz uma nova dimensão no conhecimento histórico, tradicionalmente, obtido através da linguagem oral e, principalmente, da escrita.

Os limites da preservação da memória documental no Brasil, de modo particular, a memória fotográfica, deve-se à ausência de acervos preservados e disponibilizados aos pesquisadores. A ausência do cultivo da memória é própria dos povos colonizados, expropriados de suas riquezas, a quem é restringida ou negada a memória da exploração. Fatores de ordem política, cultural e econômica impediram que, ao lado da produção fotográfica que foi abundante na segunda metade do século passado, também se desenvolvesse o registro e a preservação ampliada dessa memória além do âmbito familiar.

Em nosso tempo, cabe considerar que vivemos em uma sociedade capitalista, segundo a divisão social do trabalho e as classes sociais.

Fotografia 6 – “Corte de pedras para a caixa de emendas”.



Fonte: “Corte de pedras para a caixa de emendas”, Rio de Janeiro, 1925/26, fotógrafo não identificado, Museu das Telecomunicações / TELEMAR (apud CIAVATTA, 2002, p.

17).

As fotografias trazem consigo o universo do conhecimento presente na aparência da representação fotográfica; mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto real representado.

Vivemos em um tempo de *Influencers*, de *Facebook*, *Instagram*, Metaverso e novas mídias cada vez mais sofisticadas; tempo de *fake news*, de fama e enriquecimento com o *marketing* de objetos e de pessoas, de problemas éticos e políticos de cancelamentos e ameaças veladas ou abertas aos *youtubers* com milhares de seguidores. As questões éticas fazem parte da rotina da grande imprensa e de suas fotorreportagens. Mesmo considerando que os fotógrafos escolhem seus motivos e objetos fotográficos, só aparentemente, os fotógrafos fotografam para si mesmos. Kossoy (2020, p. 107), do ponto de vista do receptor ou intérprete, analisa que “A interpretação das imagens tem estreita conexão com a experiência, o conhecimento, as convicções morais, políticas, ideológicas, o meio social, a bagagem cultural de cada um”.

2. A Modernização do Rio de Janeiro e a Reforma Pereira Passos

“*Na República que não era, a cidade não tinha cidadãos*”. É com este duplo paradoxo que José Murilo de Carvalho (1987, p. 162) assinala “a castração política” da cidade do Rio de Janeiro, neutralizada politicamente pela República, impedindo seu autogoverno e reprimindo a mobilização política de sua população urbana. Vários são os aspectos que concorrem para essa visão, desde a restrição do poder em mãos das elites e a concepção restrita de cidadania, até a transformação da cidade em “vitrine” pelas reformas a que foi submetida, ao lado da memória do silêncio sobre os trabalhadores, construída nos registros fotográficos dos arquivos públicos e privados da cidade. Qual a importância dessa memória na construção da identidade dos trabalhadores?

Foram quatro séculos de escravidão, primeiro, a tentativa de escravizar os índios que foram privados, de suas terras, mas não submetidos; depois, a escravização ampla de negros, homens e mulheres trazidos da África em condições sub-humanas. Com requintes da exploração estruturada em torno de reis e imperadores, interiorizada nos países de origem, submeteram-se, não sem resistências, a todo tipo de apropriação de seus corpos e de suas vidas para o trabalho dito manual.

Fotografia 7 – “Rio de Janeiro. Escola de emendadores de cabo”.



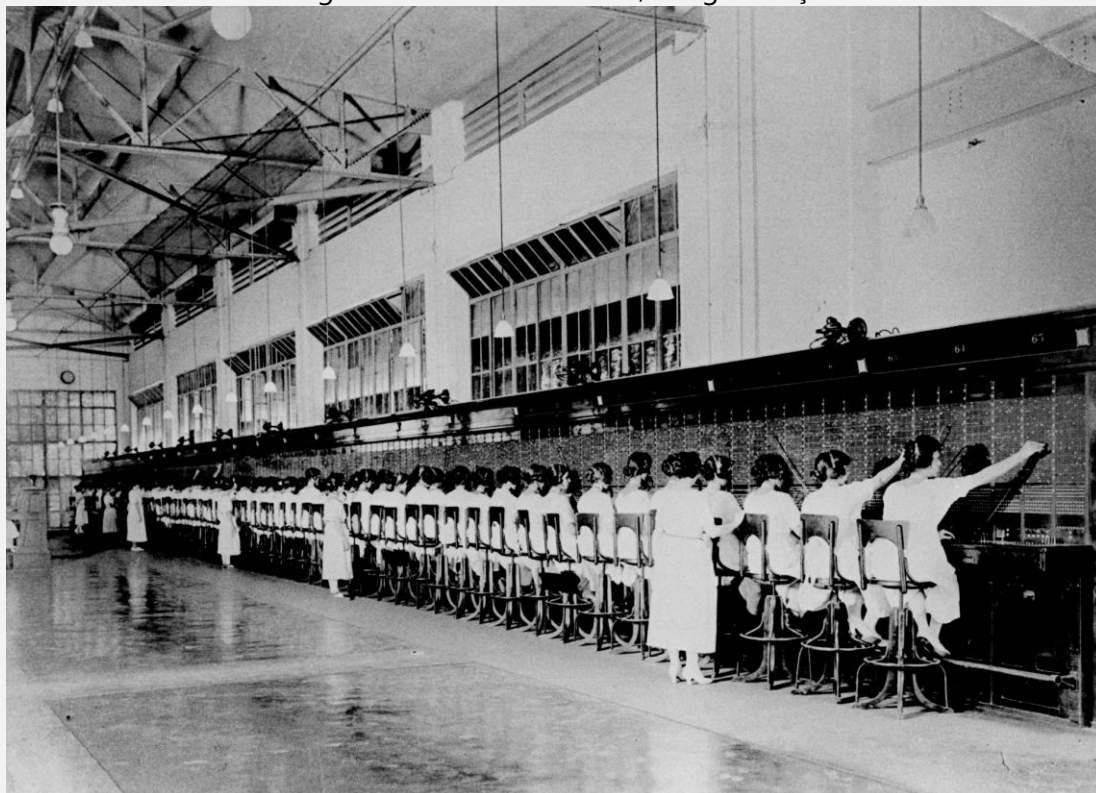
Fonte: “Rio de Janeiro. Escola de emendadores de cabo”, 1929, fotógrafo não identificado, Museu de Telecomunicações / TELEMAR (apud CIAVATTA, 2002, p. 35).

A fotografia n. 7 é, visivelmente, uma imagem da empresa em que os trabalhadores de diversas origens étnicas ou nacionalidades posam demonstrando sua posição técnica na empresa. De alguma maneira, tenta-se sinalizar a superação de inferioridade do trabalho manual que é o pano de fundo da preparação para o trabalho destinado a eles, subsequentemente, após

a Lei da Abolição (1888) e depois da Proclamação da República (1889), à toda a população brasileira pobre.

Também a emancipação feminina, bandeira dos anos 1920, encontrou na telefonia uma forma de expressão na imagem n. 8 que as mostra elegantemente ordenadas e disciplinadas na função de telefonistas, um avanço para as mulheres de seu tempo. Soubemos, pelo contato com a documentação e com os funcionários do Museu de Telecomunicações da TELEMAR, que as telefonistas precisavam dormir na empresa, o que era fora do comum na época.

Fotografia 8 – “Rio de Janeiro, antiga Estação Norte”.



Fonte: “Rio de Janeiro, antiga Estação Norte”, Rio de Janeiro, 1922, fotógrafo não identificado, Museu de Telecomunicações / TELEMAR (apud CIAVATTA, 2002, p. 57).

Às vezes explícito, outras disfarçado sob artifícios ideológicos, o tratamento do trabalho manual, como inferior, discrimina a massa trabalhadora, separando-a para as duas orientações principais da educação, a acadêmico-humanista e científica, com vistas ao ensino superior, e a profissional manual,

técnica ou tecnológica instrumental. A fotografia n. 9 representa uma oficina de marcenaria do Instituto Profissional Masculino que acolhia meninos dentro do ideário do Asylo dos Meninos Desvalidos (1875-1906), que se tornou o Instituto Profissional João Alfredo a partir de 1910, como a finalidade de acolhimento educativo, preparação para o trabalho e ensino das primeiras letras.⁷

Fotografia 9 – “Oficina de marcenaria. Instituto Profissional Masculino”.



Fonte: “Oficina de marcenaria. Instituto Profissional Masculino”, Rio de Janeiro, 1908, fotógrafo não identificado, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 1993, p. 179).

Essas eram iniciativas convergentes com a modernização do Rio de Janeiro, capital da República. Já em 1901, o Presidente Rodrigues Alves anunciara que o saneamento da cidade constituía prioridade em seu projeto. O “Rio civiliza-se” era a ordem do dia nos debates políticos e jornalísticos. O

⁷ Pelo Decreto n. 7.566 de 23 de setembro de 1909, o Presidente Nilo Peçanha criou 19 escolas profissionais em todo país, para crianças das “classes desfavorecidas”, utilizando, inclusive, instalações de escolas já existentes com esse ideário de preparar para o trabalho (Ciavatta, 1993).

centro da cidade foi eleito o lugar de onde os maus costumes e os espaços “doentes” deveriam ser erradicados.

Seguindo o exemplo parisiense, Passos manda arrasar as vilas coloniais, cria jardins públicos, persegue os ambulantes e constrói a imponente Avenida Central. Moderniza o sistema de transportes com a introdução dos bondes com tração elétrica. Por sua vez, o “bota abaixo” do casario, as reformas sanitárias e a remoção das camadas pobres para a periferia atendiam ao novo sistema político e econômico. Projetava-se especialmente, a estrutura de classes necessária a uma economia capitalista. É simbólica desse período a fotografia n. 10, da nova Avenida Central.

Fotografia 10 – “Rio de Janeiro. Avenida Central”.



Fonte: “Rio de Janeiro. Avenida Central”, 1905, fotógrafo Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (apud CIAVATTA, 2002, p. 104).

“Passos vence a rotina. Declara guerra aos bacalhoeiros da rua do Mercado, aos tamanqueiros do beco do Fisco (...) e outros autores do atraso nacional; do fundo dos armazéns manda arrancar toneladas de lixo, derrubar construções arcaicas (...) extingue a cainçalha que vivia infestando as ruas da cidade, acaba com os ambulantes que vendiam vísceras de rezes apodrecendo ao sol, cercados pelo voo contínuo do mosquito, alarga ruas, crêa praças, arboriza-as, calça-as, embelleza-as, termina com a imundície dos quiosques e diminue a infâmia dos cortiços ” (Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro de meu tempo*, 1938).

Fotografia 11 – “Largo da Carioca. Comércio ambulante”.



Fonte: “Largo da Carioca. Comércio ambulante”, Rio de Janeiro, 1905, fotógrafo Augusto Malta, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 2002, p. 26)

3. A comemoração do Centenário da Independência e o arrasamento do Morro do Castelo

As discussões sobre o arrasamento do Morro do Castelo, iniciado na gestão de Pereira Passos e concluído na gestão do Prefeito Carlos Sampaio,

preparando a cidade para a comemoração do Centenário da Independência (1922), era referência constante no cotidiano da capital desde os tempos da Colônia.

No Rio de Janeiro de 1922, o arrasamento do Morro do Castelo – marco de fundação da cidade e local de identificação da população carioca – constitui um evento emblemático das múltiplas faces da modernidade” (Motta, 1992, p. 54). uma vez que a derrubada do castelo exigiu um complexo processo de decisão, com o registro na imprensa dos prós e contras a demolição e o arrasamento, e sobre o que seria uma cidade moderna. Predominou o argumento oficial de abrir o horizonte do centro da cidade para o mar, para os “ventos da civilização”.

Fotografia n. 12 – “Arrasamento do Morro do Castelo”.



Fonte: “Arrasamento do Morro do Castelo”, Rio de Janeiro, 1921, fotógrafo Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 107).

O Prefeito Carlos Sampaio tinha a tarefa iniciada por seus antecessores na Prefeitura do Rio de Janeiro, de ter a cidade limpa, “civilizada”, para a

Comemoração do Centenário da Independência em 1922. Mas o ambiente era extremamente polêmico diante da demolição do marco simbólico da fundação da cidade que era o Morro do Castelo. Conforme mostra a fotografia n. 12, era um o trabalho ingente de retirada de toda terra através carroças de tração animal. A Prefeitura contratou uma firma americana que utilizava uma tecnologia à base de jatos d'água para a derrubada do Morro e retirada da terra, como pode-se ver na fotografia n. 13.

Fotografia 13 – “Arrasamento do Morro do Castelo”.



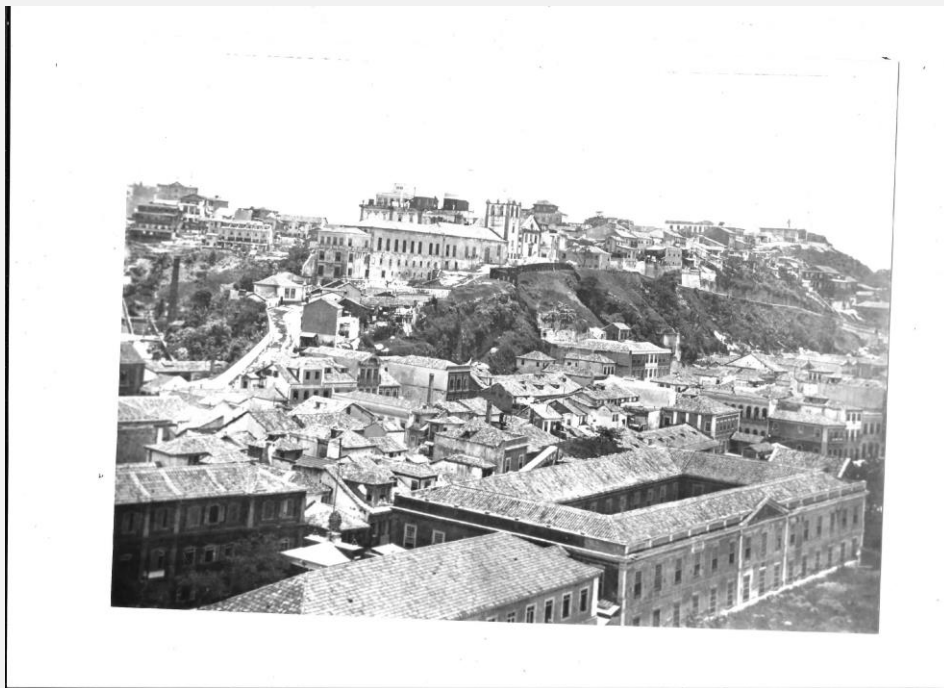
Fonte: “Arrasamento do Morro do Castelo”, Rio de Janeiro, 1921, fotógrafo Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 109).

Marco histórico da fundação da cidade, o Castelo, era reverenciado também por abrigar a Igreja de São Sebastião do Castelo (a dos Capuchinhos), onde estavam os ossos de Estácio de Sá e a Igreja de Santo Inácio (dos Jesuítas), transformada, posteriormente, em Hospital Militar e sede da mais antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Espécie de guarda da cidade, o Castelo assinalava a entrada dos navios. Era lá que se levantava, nos dias de sol,

o balão anunciando ao povo que era meio-dia, e que se localizava o relógio da torre e o observatório astronômico (1846). De lá também partia aviso de que havia incêndio na cidade (MOTTA, 1992, p. 54).

O arrasamento do Morro do Castelo (fotografia n. 14) – marco de fundação da cidade e local de identificação da população carioca – constitui um evento emblemático das múltiplas faces da modernidade e sobre o que seria uma cidade moderna. Vemos no arrasamento o desprezo à memória da vida da cidade, de sua população. É, também, uma violação de direitos e recusa à cultura e à história, própria de uma elite colonizada que põe sua identidade nos olhos do colonizador. Predominou o argumento oficial de abrir o horizonte do centro da cidade para o mar, para os “ventos da civilização”.

Fotografia n. 14 – “Vista geral do Morro do Castelo”.



Fonte: “Vista geral do Morro do Castelo”, Rio de Janeiro, sem data, fotógrafo Augusto Malta. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 97).

As reformas não ficaram restritas ao espaço físico da cidade. Eliminar os cortiços e proibir os quiosques significava também erradicar hábitos populares

que não se integravam à rotina da nova divisão do trabalho. A construção do novo em matéria de hábitos, organização do espaço e da reprodução do capital foi permeada de conflitos e contradições, uma vez que a modernização da cidade constituiu-se a partir de um processo de restrição das liberdades civis. A imposição da ordem articulou a dominação econômica a práticas de normatização do espaço e da cultura (CAVALCANTE, 1986).

O Morro do Castelo com a religiosidade marginal das “casas de preto” e demais hábitos ligados à cultura africana, figurava como um escândalo ao lado de símbolos civilizados como a Avenida Central, o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas Artes. Moradia de uma população pobre, lugar de magia e misticismo, com a missa dos Barbadinhos e com as “casas de pretos”, onde a macumba ressoava, o Castelo estava envolto ainda em um profundo mistério em torno dos tesouros que os jesuítas teriam escondido antes de serem expulsos no século XVIII (MOTTA, 1992).

Fotografia 15 – “Morro do Castelo, moradias populares”.



Fonte: “Morro do Castelo, moradias populares”, Rio de Janeiro, sem data, fotógrafo Guilherme dos Santos, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 101).

Era uma população de cerca de cinco mil pessoas, distribuídas em mais de 400 casas. No dizer de Luiz Edmundo, “os que descem na escala da vida vão morar para o alto...”, o morro era um marco constante na vida cotidiana da capital do país. Lugar de magia e misticismo, com a missa dos Barbadinhos, às sextas-feiras de madrugada, e com as “casas de pretos”, onde a macumba ressoava, o Castelo estava envolto ainda em um profundo mistério em torno dos supostos tesouros que os jesuítas teriam escondido antes de serem expulsos no século XVIII; falava-se em doze apóstolos de ouro maciço em tamanho natural enterrados nos subterrâneos do morro” (MOTTA, 1992, p. 55).

4. O mundo do trabalho e os trabalhadores

Do ponto de vista conceitual, o capital, como a produção e reprodução de bens materiais e imateriais, pela exploração do trabalho humano, não difere do mundo do trabalho do início do século XX, salvo na sua historicidade econômica, tecnológica, cultural e política. Não obstante a ideologização do termo mundo do trabalho - reduzido a mercado de trabalho pelos setores empresariais - antes, como agora, o mundo do trabalho deve ser entendido na totalidade social da estrutura econômica, política, cultural que o constitui através das múltiplas mediações e contradições da realidade da vida no planeta.

Duas são as acepções de trabalho que o constitui: o trabalho na sua forma ontológica,⁸ fundamental, estruturante de um novo tipo de ser, o homem, ser social; e o trabalho nas suas formas históricas, penosas, alienantes, desintegradoras dos melhores valores da pessoa humana. Na primeira forma, a delimitação entre a reprodução estritamente biológica e a

⁸ O conceito de ontologia aqui empregado difere da tradição da metafísica clássica, assim como das correntes positivistas e neopositivistas que compartilham de uma visão estática e reificada do ser. Utilizamos o termo no sentido marxiano e lukacsiano que tem no trabalho uma categoria central, estruturante de um novo tipo de ser, o homem, e de uma nova concepção da história com base na realidade externa, objetiva.

produção/reprodução própria dos homens é constituída não apenas pelo produto do trabalho, mas pela consciência, pela capacidade de representar o ser, o produto, de modo ideal, na sua imaginação criadora.

Na segunda acepção, nas condições de exploração do trabalho pelo sistema capital, o trabalhador é separado dos produtos do trabalho, do conhecimento e da sociabilidade gerada na produção (Marx, 1980). Na primeira e na segunda acepção de trabalho, modificam-se não apenas as condições objetivas da produção, mas os próprios produtores e sua subjetividade.

O conceito de mundo de trabalho inclui as atividades materiais, produtivas, assim como todos os processos de criação cultural que se geram em torno da reprodução da vida. Referimo-nos aqui ao universo complexo que, às custas de enorme simplificação, reduzimos a uma das suas formas históricas aparentes, tais como a profissão, o produto do trabalho, as atividades laborais, fora da complexidade das relações sociais que estão na base dessas ações.

As fotografias n. 16, 17 e 18 mostram vários aspectos da vida dos trabalhadores nos idos dos anos 1900, quando os trabalhadores, homens, mulheres e crianças exerciam as atividades fabris e de serviços em condições semiescravas, sem a regulamentação das relações de trabalho – que somente vieram a dar-lhes alguma segurança e proteção no trabalho, a partir dos anos

Fotografia 16 - "Saída de operários – Fábrica Votorantim".



Fonte: "Saída de operários – Fábrica Votorantim", São Paulo, anos 1910, autor não identificado, Arquivo Edgar Leuenroth / História da Industrialização, UNICAMP.

Fotografia 17 - "Obra de calçamento da Rua da Alfândega".



Fonte: "Obra de calçamento da Rua da Alfândega". Rio de Janeiro, 1928, fotógrafo Augusto Malta, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 2002, p. 77)

A fotografia n. 17 revela a abundância de trabalhadores e, é de se supor, de mão de obra barata, dadas as precárias condições de vida que as fotos rebelam, herdadas do abandono da população ex-escravizada.

Apenas enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-lo ou apreender o mundo do trabalho na sua historicidade, seja como atividade criadora, que anima e enobrece o homem, ou como atividade aviltante, penosa ou que aliena o ser humano de si mesmo e dos produtos de seu trabalho.

Fotografia 18 – “Fábrica Cruzeiro; uma tuna [conjunto] da Companhia América Fabril”.



Fonte: “Fábrica Cruzeiro; uma tuna [conjunto] da Companhia América Fabril”, Rio de Janeiro, publicada em folheto de 1922 fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 122).

Como mostra a fotografia n. 18 e outras do folheto da fábrica têxtil, a Companhia da América Fabril, os trabalhadores se deixam representar em um

grupo de teatro e neste conjunto musical. Este é um dos aspectos que dão sentido ao mundo do trabalho. Os trabalhadores não apenas vendem sua força de trabalho no mercado de trabalho, eles se educam pelo trabalho, pelo exercício de outras atividades sociais, culturais, religiosas, organizativas, políticas,

No sentido historicizado da própria noção, Hobsbawn fala em “worlds of labours”, em mundos do trabalho, ao tratar da formação e da evolução da classe trabalhadora⁹, suas relações com a sociedade e a consciência, os modos de vida e os movimentos que elas geram. O que significa que mundo do trabalho é uma expressão complexa da realidade do trabalho e dos trabalhadores, contida nas suas formas econômicas e nas relações sociais (culturais, políticas, educacionais etc.) que aí se estabelecem. Estas relações incluem a representação e o reconhecimento do coletivo classe operária ou classe trabalhadora.

Hobsbawn (1987, p. 79-98) amplia a noção de classe trabalhadora, de um conteúdo meramente econômico (proprietários e não-proprietários dos meios de produção), para suas dimensões sociais e culturais. O autor propõe caracterizar a classe operária, observando as especificidades do contexto ao qual pertencem e identificar algumas forças que contribuem para a especificação do conceito: a economia nacional, o Estado, as leis, as instituições, as práticas e a cultura de um país, ou de pertencimento a um grupo social, político ou religioso. São identificações múltiplas, não excludentes, e que variam no tempo e no espaço, de acordo com o contexto histórico.

⁹ Entre o fim do século XVIII e meados do século XX, nos países europeus que primeiro se industrializaram, particularmente, a Grã-Bretanha. (Hobsbawn, 1987, p. 13-4).

5. A História de Trabalho-educação

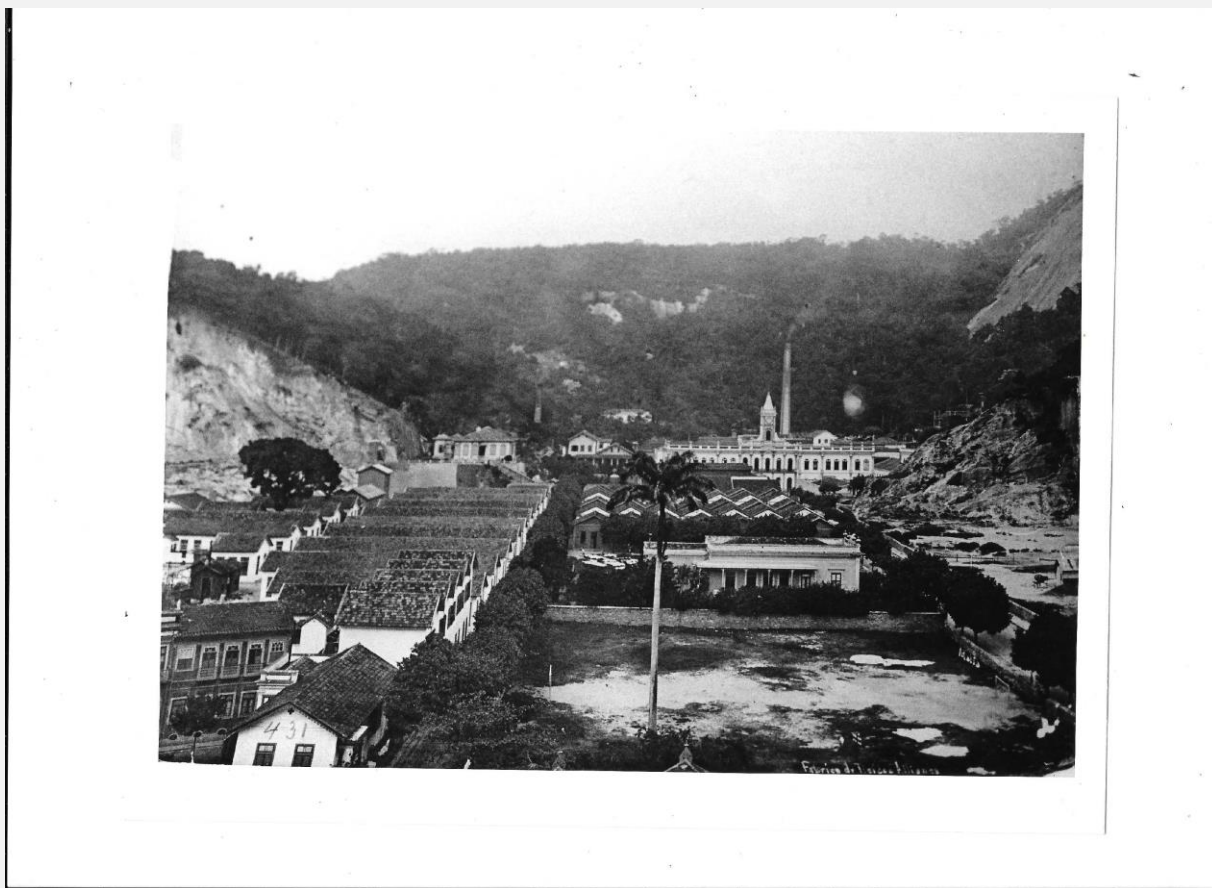
A educação faz parte do mundo do trabalho na medida em que participa do conhecimento gerado pelos processos de transformação da natureza e da sociedade. Cabe reconhecer a importância política da educação na vida da sociedade, de sua conceituação como campo disciplinar para a pesquisa científica. Quando falamos em Trabalho-educação, defendemos o reconhecimento da unidade epistemológica, história e educacional dos dois termos, trabalho e educação (CIAVATTA, 2019; MACHADO, 2005).

Os estudos sobre o mundo do trabalho em imagens, sobre o trabalho e a transformação da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, nos levaram a documentos inesperados de pesquisa em arquivos públicos e privados no Rio de Janeiro e em São Paulo.¹⁰ Há fotografias que apresentam os locais de trabalho e como vivem os trabalhadores.

A organização do trabalho nas primeiras décadas do Século XX, as pesquisas sobre as fábricas operárias têm uma tradição, a exemplo do pioneiro trabalho de José Sérgio Leite Lopes (1988); a história social de Paulo Keller (1997); a pesquisa de fotografias de trabalhadores de Maria Ciavatta (2002, 2007); sobre a expansão da indústria, de Elizabeth von der Weid e Ana Marta Bastos (1986) e do historiador Edgar Carone (1978). A coleção de fotos da América Fabril é uma sucessão de aspectos esclarecedores sobre a cultura de imersão total da vida dos trabalhadores e suas famílias na fábrica: o espaço fechado das vilas de casas, o clube, os grupos artísticos (fotografia n. 18), a igreja, a escola para as crianças; a disciplina nos horários de trabalho e de recolhimento noturno.

¹⁰ Em uma segunda fase, pesquisamos fotografias de trabalhadores em Bologna, na Itália, no arquivo da CGIL (*Confederazione Generale Italiana del Lavoro*), atual *Archivio Paolo Pedrelli – Archuivio Storico della CGIL di Bologna, Itália*.

Fotografia 19 - "Vila Isabel, Companhia América Fabril, vista geral".



Fonte: "Vila Isabel, Companhia América Fabril, vista geral", Rio de Janeiro, 1908, fotógrafo Augusto Malta, Museu da Imagem e do Som (apud CIAVATTA, 2002, p. 117)

Também a estrutura de classes reproduzida na hierarquia da organização da fábrica está visível nas imagens preservadas nos arquivos, entre os diversos tipos de trabalhadores e suas funções, a exemplo dos trabalhadores da fiação, homens, mulheres e crianças (fotografia n. 3) e as fotos de trabalhadores agrupados segundo suas seções e funções na fábrica (fotografias 20 e 21).

Fotografia 20 – “Jardim Botânico, Fábrica Carioca.



Operários da seção do pano”. Fonte: “Jardim Botânico, Fábrica Carioca, Operários da seção do pano”, Rio de Janeiro, publicada em folheto de 1922, fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (apud CIAVATTA, 2002, p. 121).

A presença de fardos de tecidos produzidos indica a potência fabril da empresa, mas, talvez, também o orgulho dos trabalhadores que seguram e pousam a mão sobre as peças (fotografia n. 20).

Diferente é a apresentação de trabalhadores de maior nível hierárquico na fábrica, alguns dos quais com bengala, símbolo de elegância e status na época (fotografia n. 21).

Fotografia 21 – “Fábrica Pau Grande, mestres e contramestres”.



Fonte: “Fábrica Pau Grande, mestres e contramestres”, Rio de Janeiro, publicada em folheto de 1922, fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 52).

Finalizamos estes exemplares de fotografias que evidenciam a hierarquia da fábrica por razões de organização do trabalho, reproduzidas à semelhança da estrutura de classes sociais. A totalidade social da realidade fabril, suas regras e valores, e a memória fotográfica de sua coesão como grupo assemelham-se às fotos dos álbuns de família, “a grande família da fábrica” (CIAVATTA, 2007). Sua culminância são os empresários e seus diretores (fotografia n. 22). O décor tem plantas, todos vestem-se no melhor estilo formal da época e ostentam sua posição de classe abastada.

Fotografia 22 – “Laranjeiras, Cia. De Tecidos Aliança, Diretoria”.



Fonte: “Laranjeiras, Cia. De Tecidos Aliança, Diretoria”, Rio de Janeiro, 1909, fotógrafo Augusto Malta, Museu da Imagem e do Som (apud CIAVATTA, 2002, p. 51).

Considerações finais

No campo específico de estudos sobre Trabalho-Educação, é básico para os pesquisadores, ir à raiz da exploração do trabalho nas sociedades capitalistas, através da crítica à economia política, à contradição capital e trabalho que é a produção e reprodução do capital pela exploração da força de trabalho e pela história que é a produção social da existência. Mas ainda são poucos os autores que se dedicam a ir além da sedutora teoria marxista, do poder explicativo da crítica à economia política para a aventura documental da história.

Significa descer aos meandros da empiria, incluindo fontes de arquivos, história oral, iconográfica, mapas e outros documentos, a partir da concepção da história em Marx na Ideologia alemã (Marx; Engels, 1979) e em todo exercício historiográfico que é o !8 Brumário (Marx, 1978), o Capital (Marx, 1980)

e todos os relatos, citações de documentos, matérias de jornais, notas sobre eventos que dão corpo e forma à argumentação de sua crítica contundente ao sistema capital, à divisão social do trabalho e à sociedade de classes.

Além da produção dos historiadores, a historiografia implica, também, a análise que os historiadores fazem sobre o próprio fazer historiográfico. Embora a história da educação no Brasil seja uma área de extensa e diversificada produção acadêmica, são mais escassos os estudos historiográficos sobre o fazer do historiador.

É de se salientar ainda a ausência do tema trabalho e do tema educação em estudos de “historiadores de ofício”. Escrevendo sobre a historiografia da classe operária, o historiador Cláudio Batalha (1998, p. 157) observa que um livro “que trata dos campos da produção histórica (CARDOSO; VAINFAS, 1997) não dedica nenhum capítulo à história do trabalho ou à história operária, ao passo que a história empresarial, a história das paisagens, ou do uso do computador merecem capítulos específicos”. É de se salientar, acrescentamos, que também a história da educação está ausente do mesmo livro. E o historiador Francisco Falcon (2006) chamou a atenção para a escassez de trabalhos de história da educação entre os historiadores.

Estas considerações, vindas de historiadores, permitem chamar a atenção sobre a importância dos estudos que resgatam a historicidade de trabalho-educação. Significa buscar os dois campos de estudo, do trabalho e da educação e de sua expressão como história da unidade, Trabalho-Educação, na educação profissional, técnica, e tecnológica, na educação de jovens e adultos trabalhadores (CIAVATTA, 2019 a; 2019b).

“*La storia siamo noi*” (a história somos nós) foi a divisa reiterada pela CGIL em 1993, ao comemorar os 100 anos de organização dos trabalhadores, como produtores dos bens materiais e da rica cultura da cidade e da região Emilia-

Romagna, em Bologna. A história somos nós nas lutas de classe, no empenho na produção e reprodução da vida em condições presentes e futuras melhores, do que as que encontramos em nosso país. A história de Trabalho-educação que devemos escrever todos os dias nas escolas, na educação profissional e tecnológica, na defesa de políticas democráticas, inclusivas, antirracistas, alimentando as lutas do presente “para não apagar o futuro”.

Referências

CARONE, E.. **O Centro Industrial do Rio de Janeiro e sua importante participação na economia nacional (1827-1977)**. Rio de Janeiro: Cátedra; Centro Industrial do Rio de Janeiro, 19787.

CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

CIAVATTA FRANCO, M. **História e imagens**. Tese de Professor Titular. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1993.

CIAVATTA, M. et al. **Historiografia em Trabalho-educação**. Como se escreve a história da Educação Profissional. Uberlândia: Navegando, 2019b.

CIAVATTA, M. et al. **Memória e temporalidades do trabalho e da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina; Faperj, 2007.

CIAVATTA, M. A memória do tempo da fotografia -Uma apresentação. In: CIAVATTA, Maria et al. **Fotografia como fonte de pesquisa**. Da História da Educação à História de Trabalho-educação. Rio de Janeiro, Lamparina; Uberlândia: Navegando, 2023.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens**. A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP & A; Faperj, 2002.

CIAVATTA, M. Trabalho-educação: uma unidade epistemológica, histórica e educacional. **Trabalho Necessário**, v. 17, n. 32, p. 132-149, 2019 a;

CIAVATTA, M. Educando o trabalhador da grande “família” da fábrica. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 37-62.

CIAVATTA, M; CASTIGLIONI, P. **O Rio dos Trabalhadores**. 2ª. ed. Niterói: UFF, 2001. DVD Video (20 ´)

- KELLER, P. **Fábrica & Vila Operária**. A vida dos operários têxteis em Paracambi/RJ. Engo. Paulo de Frontin/RJ, 1997.
- KOSSOY, B. **O encanto de Narciso**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.
- LOPES, J. S. L. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: UnB; CNPq, 1988.
- MACHADO, L. Trabalho-educação como objeto de investigação. **Revista do NETE-UFMG**, v. 14, n.2, jul.-dez., 2005.
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980).
- MARX, K; ENGELS, F.. **A ideologia alemã** – Feuerbach. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MOTTA, M. da S. **A nação faz 100 anos**. A questão nacional no Centenário da Independência. Rio de Janeiro: FGV-CPDoc, 1992.
- RUSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história. **História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, 2009.
- VELHO, G. Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica. **Revista TB**, n. 95, p. 119-126, out.- dez, 1998.
- WEID, E. von der; BASTOS, A. M. R. **O fio da meada**. Estratégia de expansão de uma indústria têxtil. Rio de Janeiro: FCRB-CNI, 1986.